

HISTORIOGRAFIA DE “OLHOS D’ÁGUA” EM ALEXÂNIA (GO) E SUA RELAÇÃO COM A FEIRA DO TROCA COMO ELEMENTO DE AFIRMAÇÃO CULTURAL COMUNITÁRIA

Edilene Américo Silva

Doutoranda em Geografia pela Universidade de Brasília-UnB.
Bolsista CAPES do Projeto que estuda a influência da BR-060 na
(re)configuração Municipal de Alexânia-Goiás
edileneamerico@hotmail.com



Fernando Luiz Araújo Sobrinho

Professor Doutor em Geografia na Universidade de Brasília-UnB.
Orientador do Projeto que estuda a influência da BR-060 na
(re)configuração Municipal de Alexânia-Goiás.
flasobrinho@gmail.com



Historiografia, Feira do
Troca, identidade
cultural, Olhos d’Água.

Resumo: Em 1960, Olhos d’Água perdeu a condição de sede política e administrativa para a recém fundada Alexânia, que foi edificada a partir da construção da BR-060. Desde esse evento, e por mais de uma década, essa comunidade ficou desarticulada e fragilizada economicamente. Porém, por meio da Feira do Troca, conseguiu se projetar como resistência cultural no contexto municipal. A ocupação da área data de 1941 e, atualmente, vivem no local cerca de 1.445 pessoas. Até 1960, praticava-se a agropecuária e se produziam, no local, os próprios utensílios. Entre 1960 e 1973, a perda da condição de sede municipal desencadeou a desarticulação e impacto nos arranjos produtivos locais. A partir de 1974, a escola iniciou um trabalho de Arte e Educação e os artesãos mais antigos tornaram-se professores das crianças e dos jovens. Juntos, começaram a produzir peças e “produtos da roça” para a primeira feira, que ocorreu no mesmo ano. O intuito maior foi trocar o que era produzido no campo por produtos da cidade e não se dava ênfase às vendas. Desde então, a Feira do Troca tem sido preparada e realizada pelos moradores e é considerada um símbolo identitário local. Desde a primeira feira, já se passaram quarenta anos e novos elementos têm sido introduzidos em sua composição, resultado da mercantilização capitalista. Há mais produtos disponíveis para a venda em detrimento daqueles voltados à troca. Entretanto, é inegável como a cidade e seus moradores se enchem de expectativa pela chegada dos três dias de evento.

HISTORIOGRAFÍA DE “OLHOS D’ÁGUA” EN ALEXÂNIA (GO) Y SU RELACIÓN COM LA FERIA DE TRUEQUE (FEIRA DO TROCA) COMO ELEMENTO DE AFIRMACIÓN CULTURAL COMUNITARIA

Historiografía, Feria de
Trueque, identidad
cultural, Olhos d’Água.

Resumen: En 1960 Olhos d’Água perdió la condición de sede política y administrativa para la recién fundada Alexânia, que fue edificada a partir de la construcción de la BR-060. Desde entonces, y por más de una década, esa comunidad quedó desarticulada y fragilizada economicamente. No obstante, por intermedio de la “Feria de Trueque”, logró proyectarse como resistencia cultural en el contexto municipal. La ocupación del área empezó en 1941 y, actualmente, viven en el sitio cerca de 1.445 personas. Hasta 1960, se practicaba la agropecuaria y se producían los propios utensílios. Entre 1960 e 1973, la pérdida de la condición de sede municipal resultó en la desarticulación e impactó en los arreglos productivos locales. A partir de 1974, la escuela inició un trabajo de arte y educación, y los artesanos más antiguos se convirtieron en maestros de niños y jóvenes. Juntos, empezaron a producir piezas y “productos del campo” para la primera feria que ocurrió ese mismo año. El intuito principal era intercambiar lo que se producía en el campo por productos de la ciudad y no se daba énfasis a las ventas. Desde entonces, la Feria de Trueque viene siendo preparada y realizada por los vecinos, quienes la consideran como símbolo de identidad local. Desde la primera feria, ya se pasaron cuarenta años, y nuevos elementos han sido introducidos en su composición, resultado de la mercantilización capitalista. Hay más productos disponibles para la venta que aquellos direccionados al trueque. A pesar de ello, es innegable como la ciudad y sus habitantes se llenan de expectativas por la llegada de los tres días de evento.



Envio: 14/04/2018 ♦ Aceite: 01/08/2018

Introdução

O presente estudo ampara-se no âmbito da pesquisa, que se encontra em desenvolvimento no curso de doutorado, cujo objetivo é estudar a influência do Eixo Brasília-Goiânia (BR-060) sobre a dinâmica territorial de Alexânia.

Este município está localizado na Região do Entorno do Distrito Federal (RIDE)¹ (IMB, 2014) e possui altitude média, aproximada, de 1.100 metros. As coordenadas da sede municipal são 16º 04' 12" de latitude sul, e 48º 31' 12" de Longitude W. Gr. O clima local tem características de clima tropical de altitude e a sua área administrativa limita-se com os municípios de Santo Antônio do Descoberto, Luziânia, Silvânia, Abadiânia e Corumbá de Goiás. O relevo local não apresenta nenhuma particularidade de destaque e é recortado pelos rios Corumbá, Areias e do Ouro (IBGE, 2014).

Abaixo, na Figura 1, tem-se a localização do município de Alexânia que é relativamente novo, criado por lei estadual nº 4.919, de 14/11/1963, e é constituído pela sede municipal mais os distritos de Olhos d'Água e Rio do Ouro. A população total estimada é de 26.457 mil pessoas (IBGE, 2016).

A cidade nasceu por motivações políticas com a confirmação da edificação da BR-060 que ligaria duas cidades estratégicas – Goiânia e Brasília – ao processo de adensamento da ocupação do Brasil central (Silva e Araújo Sobrinho, 2015). A construção da via, na década de 1960, sinalizava para um cenário futuro de desenvolvimento econômico das áreas influenciadas pela via. Essa possibilidade levou o então prefeito a comprar um terreno lindeiro à estrada, loteá-lo para venda e, em seguida, construir estruturas que abrigariam a nova sede administrativa municipal. E em 1963, Alexânia foi legalmente transformada em nova sede política e administrativa e desde então vem apresentando acelerado processos de ocupação e crescimento econômico, tanto em relação ao cenário estadual quanto ao nacional.

Embora a economia local tenha vocação histórica na agropecuária, o “município está se tornando [...] um importante polo industrial, recebendo, cada vez mais, pequenos, médios e grandes empreendedores que acreditam e investem na região” (Nilta Gonçalves, Secretária de Indústria e Comércio. Entrevista concedida em 12 de nov. 2015). Nas atividades

¹ Essa regionalização ocorre segundo o estabelecido na Lei de criação da RIDE (Região Integrada de Desenvolvimento do DF e Entorno) Lei Complementar nº 94, de 19 de fevereiro de 1998.

de campo constatou-se o amplo apoio público aos empreendimentos econômicos privados que queiram investir no município.

Nesse contexto, foi criado, em 2005, o Distrito Industrial de Alexânia que aliado ao recém-inaugurado *Outlet Premium Brasília* (2013) e à *Schincariol* - atual Brasil Kirin (2010) - contribuem para os crescentes aumentos do PIB municipal. Segundo o IBGE (2016), este índice saltou de 50.183 mil (em 2000) para 327.857 mil (em 2010) e 350.273 mil (em 2011).

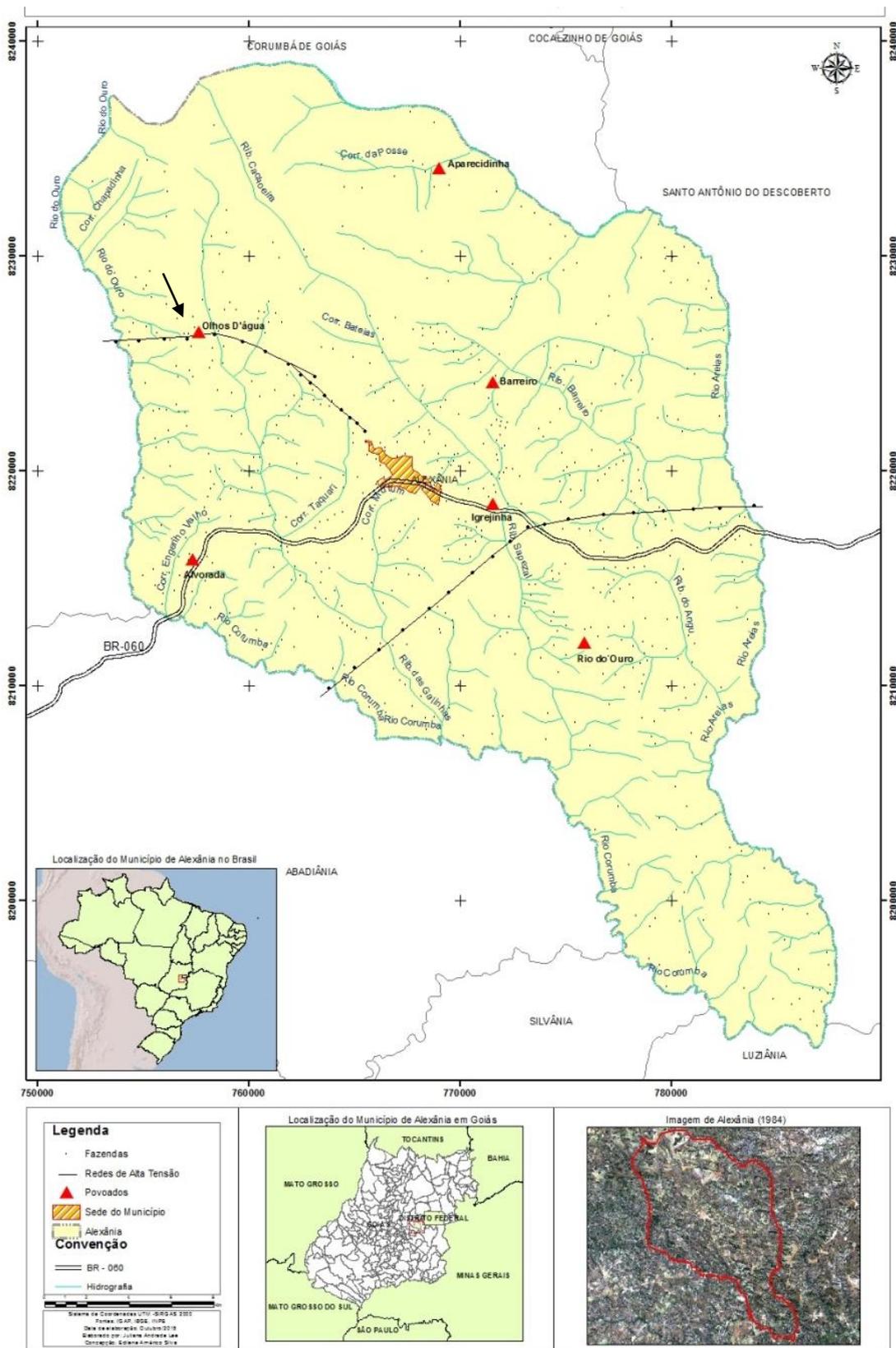
Se, aos interesses predominantes, a criação de Alexânia e posterior transformação em sede municipal representavam promissora oportunidade de desenvolvimento e crescimento econômico, para Olhos d'Água significou escamotear de sua população a condição histórica de sede municipal. Isso, porque a origem de Alexânia se deu na comunidade de Olhos d'Água que começou a ser ocupada entre os anos de 1910 e 1941. Nesse sentido, teve-se a quebra de um processo de constituição e evolução histórica da cidade onde se originou o município que hoje é denominado de Alexânia.

A perda da condição de sede administrativa desmobilizou a dinâmica comunitária e, por mais de uma década, Olhos d'Água teve seus arranjos produtivos locais desarticulados, o que levou a comunidade a viver dias de escassez e fome. Essa situação começou a mudar de quadro, a partir dos anos de 1973, quando se iniciou um movimento de recuperação dos saberes tradicionais, por meio da escola local, e passou-se a elaborar produtos e artesanatos voltados a primeira Feira do Troca que foi realizada em 1974.

No contexto alexaniense, enquanto a sede se destaca pela dinâmica econômica, as expressões culturais de destaque tem sua gênese na pacata e bucólica Olhos d'Água, que se localiza a 14 quilômetros de distância da BR-060. Aos sentidos de quem nela chega, parece que o tempo vivido pela população local é um tempo sem pressa, sem a correria comum da cidade grande.

A seguir, será realizada a historiografia dos principais momentos de constituição da comunidade de Olhos d'Água. Chegar-se-á ao movimento que deu origem a Feira do Troca, discutindo o seu significado como elemento essencial ao resgate identitário da comunidade. Por fim, serão pontuadas as transformações ocorridas na feira, no transcurso do tempo, resultantes das influências do modo capitalista de produção.

Figura 1: Localização do Município de Alexânia e indicação de Olhos d'Água.



Fonte: Autora (Dezembro de 2015).

A gênese de Olhos d'Água - 1910 a 1950

Segundo dados do *site* da comunidade de Olhos d'Água e de informações obtidas junto à população local, o povoado surgiu a partir da construção de uma capela em homenagem a Santo Antônio de Pádua. A construção foi fruto de uma promessa religiosa feita por uma ex-escrava moradora da região. “Se seu pedido fosse atendido, ela mandaria construir uma capela junto a um olho de água, onde era comum pararem boiadeiros e viajantes para matar a sede e descansar” (ABDALLAH, 2015, p. 32).

Entretanto, as motivações levaram a construção de uma pequena igreja, e não apenas de uma capela que foi fundada, em 1941, em terras doadas por influentes fazendeiros da região, afirma o autor. Desde então, passou a crescer o povoado de Santo Antônio de Olhos d'Água. Nessa época, o local pertencia ao atual município de Corumbá de Goiás.

Segundo o Professor Armando Faria Neves, uma das lideranças da comunidade:

Quando ele e sua esposa² aportaram pela primeira vez na comunidade, depararam-se com uma realidade de extrema pobreza vivida pela maioria da população (observar Foto 1). As famílias, em sua maioria descendentes de escravos, viviam em moradias bem precárias e trabalhavam para o coronel Geminiano, grande fazendeiro, em troca de 1kg de tocinho e uma garrafa de pinga, ao dia. (Professor Armando Faria Neve Assim, a mudança geográfica de sede resultou na quebra de um processo de constituição e evolução histórica da cidade onde se originou o município que hoje é denominado de Alexânia.s, morador de Olhos d'Água, Entrevista realizada em 14 de jul. 2014).

Foto 1: Início da década de 1960. Imagens que retratam as primeiras construções desde a origem à edificação do povoado.



Fonte: site da comunidade (Acesso em out. 2014)

² Ele e sua esposa, Laís Aderne, atuavam como professores na Faculdade de Educação, na Universidade de Brasília. Ela faleceu em 2005. Entrevista realizada em julho de 2014.

As terras doadas foram repartidas pela igreja em pequenos lotes, onde alguns foram repassados sem custo enquanto outros eram vendidos a quem quisesse ali se estabelecer. Segundo a moradora dona Nair, até hoje a “igreja detém o documento de posse de alguns terrenos cujos proprietários ainda estão em ‘débito’ com a paróquia. Atualmente, até mesmo para as famílias da comunidade, comprar um lote ficou impossível, pois é muito caro” (Dona Nair, moradora de Olhos d’Água, Entrevista realizada em 14 de jul. 2014).

A graciosidade interiorana de Olhos d’Água sobressai de imediato aos olhos de quem nela chega. Sobressaem o bom estado de conservação das edificações, os tons coloridos das casas e a sua disposição espacial em torno de uma ampla área gramada e arborizada, que tem ao centro uma igreja e um cruzeiro.

O modelo de arquitetura das casas veio pelas mãos dos mestres de construção de Corumbá de Goiás (município goiano vizinho), que mantiveram as características arquitetônicas iguais às antigas casas da região - datadas dos séculos XVIII e XIX -, resultantes do ciclo do ouro em Goiás. Assim, aos olhos do visitante, fica a impressão de ser Olhos d’Água mais antiga do que aparenta. As matérias-primas utilizadas foram, basicamente, adobe, madeiras do Cerrado e telhas de barro fabricadas pelos moradores da comunidade.

Para viver e alimentar-se as famílias plantavam milho, feijão, arroz, mandioca, ervas aromáticas e mantinham pequenas criações. Além disso, produziam, para seu uso, utensílios – de madeira e barro - como panelas, potes e artigos de tecelagem. O isolamento do povoado, associado à capacidade produtiva, contribuiu para que criassem um modo de vida próprio. Eram autossuficientes na produção de gêneros alimentícios de primeira necessidade, fiavam e teciam as próprias roupas e faziam os utensílios de que necessitavam – gamelas, colheres de pau e cestas. E o contato com outras comunidades se dava por intermédio de viajantes e mascates, que traziam para trocar o que ali não era encontrado. A esse respeito, o Professor Armando Faria Neves diz que “a poucos metros da minha casa, existem vestígios da antiga estrada real que era caminho de tropeiros” (Entrevista realizada em 14 de jul. 2014).

Nas longas viagens, em carros de bois, esses tropeiros compravam o excedente da produção local e traziam algumas pequenas encomendas especiais - como sapatos ou tecidos finos - que eram compradas pelas famílias mais abastadas de Olhos d’Água.

A realização de Brasília, na década de 1960, contribuiu para posterior construção de diversas rodovias que ligariam a capital da República com todas as regiões do país (Castilho, 2014). Dentre essas modais, teve-se a edificação da BR-060 que estimulou, por exemplo, a origem de Alexânia que, em 1963, tornou-se legalmente sede municipal, usurpando esse papel da histórica Olhos d'Água. Pode-se afirmar que dois fatores contribuíram, na época, para que esta cidade perdesse a condição de sede administrativa: a sua localização a 14 quilômetros da modal; e, o sonho do então prefeito de edificar uma cidade (Abdallah, 2015).

Foto 2: Imagem do padrão arquitetônico das construções na comunidade.



Fonte: Autora (dezembro/2015).

A mudança geográfica da sede municipal – 1961

Perder a condição de sede municipal para nova cidade é uma realidade lembrada e contada, com certo ressentimento, pelos moradores mais velhos de Olhos d'Água:

A sede do município foi roubada de Olhos d'Água em favor de Alexânia. Alex Abdallah, então prefeito, sabendo que iria ser construída uma rodovia nacional, comprou um loteamento nas margens da futura via e ali fundou a nova sede do município. E, na calada da noite, ele roubou a sede do município de Olhos d'Água para Alexânia. (Professor Armando Faria Neves; Entrevista realizada em julho de 2014).

O *site* da comunidade informa que a mudança da capital do Brasil para o interior foi determinante para que Olhos d'Água perdesse a condição de sede municipal. Após esse

evento, a cidade viveu um processo de decadência e enfraquecimento da força política. Em referência a esse momento, dona Joaquina de Paiva (2014) diz que “as pessoas estavam muito desanimadas, sem estímulo, não faziam mais nada; era só roça”.

Desde a origem, até meados da década de 1960, a comunidade viveu momentos de abundância em razão do “povo produzir tudo de que necessitava e só trazer de fora o sal, que vinha de Minas Gerais” (Professor Armando Faria Neves, 2014). Entretanto, a perda da condição de sede municipal trouxe prejuízos à organização produtiva de Olhos d’Água. Alguns moradores venderam suas propriedades, deixaram de produzir lavoura, mudaram-se para a nova sede e lá passaram a comercializar ou realizar outra atividade econômica.

Nesse cenário, os arranjos produtivos locais, até então autossuficientes às demandas de seus moradores, sofreram constantes rupturas que contribuíram na desarticulação da economia local. Acrescente-se a esse fato o modo de produção agrícola da comunidade ser condicionado às estações de chuva e seca. No período da seca, havia algumas pessoas que passavam privações pela inexistência de gêneros básicos para a alimentação.

Tinha uma época certa, principalmente no mês de junho – que as pessoas passavam por maior dificuldade, pois aqueles que trabalhavam na agricultura não tinham o que fazer. Já tinha parado a chuva e o pessoal tinha de ficar esperando a próxima chuva para plantar de novo. Nesse intervalo, mês de junho, muita gente passava até mesmo necessidade. E a Feira veio e pegou logo... As pessoas já preparavam alguma coisa antes, pois nela já sabiam que iam fazer um dinheirinho pra ‘ir segurando’ até as próximas chuvas... ali trocavam e vendiam. (Sebastião Lourenço – artesão da comunidade. Entrevista realizada em 21 abr. de 2015).

Nesse contexto, chegou à comunidade o casal de professores Armando Faria Neves³ e Laís Aderne, que trabalhavam nas áreas de sociologia, educação e artes plásticas. Ficaram sensibilizados pela fome e privação vivida pelos moradores. Aos poucos, ela foi ganhando a confiança das famílias e iniciou um trabalho coletivo voltado ao fortalecimento e resgate dos históricos saberes populares. Esses professores procuraram resgatar o jeito de fazer artesanato de outrora.

Embora uma ou outra pessoa, moradores mais antigos, produzisse artesanato, que aprenderam quando criança, o ofício não era repassado aos mais jovens. Então teve

³ Que haviam comprado um terreno onde pretendiam construir uma casa para descanso.

início uma movimentação entre os moradores que desaguou na realização da primeira reunião que ocorreu na escola comunitária. Começaram, então, a procurar pelas pessoas que detinham conhecimento em artesanato. Essas pessoas foram localizadas, o conhecimento foi organizado e repassado aos mais jovens, como ensino formal, na escola da comunidade. Ali, os alunos tinham aulas práticas e aprendiam a produzir bonecas de palha, de tecido e de bucha vegetal; pintura em cerâmica, tecido e madeira; a fazer esculturas, bordados, carpintaria e marcenaria. Além disso, as famílias passaram a produzir, por meio da agricultura, a matéria-prima utilizada na própria produção artesanal (*Site da comunidade*).

Primeira Feira do Troca – 1974

E o que foi confeccionado, ao longo de meses de trabalho, foi exposto na primeira Feira do Troca, ocorrida em dezembro de 1974 (a Foto 3 traz imagens desse momento). Segundo relatos, a Feira do ano seguinte cresceu bastante e ocupou o salão paroquial da igreja.

Para dona Laís, a Feira “proporcionou o escoamento da produção artesanal, a reprodução dos conhecimentos tradicionais e a melhoria da renda das pessoas, pois em dois períodos do ano, a cidade passou a ser visitada por muitos turistas, que deixavam recursos na comunidade” (*Site da comunidade*).

Foto 3: Imagens da Feira do Troca que ocorreu em julho de 1976.



Fonte: Revista Veja (dezembro de 1976).

Desde então, o ofício da produção artesanal foi sendo repassado entre as gerações. A tecelagem, por exemplo, é um trabalho que envolve toda a família no processo de plantar, colher e fiar o algodão. As crianças são introduzidas na aprendizagem dos saberes tradicionais, como parte de suas brincadeiras, tanto no descaroçamento quanto na limpeza do algodão. O tingimento é feito com corantes naturais, tirados de plantas nativas da região.

A Feira do Troca: identidade comunitária e afirmação cultural- 1970 a 1980

Em Olhos d'Água, além da Feira do Troca, consideram-se também como marcos identitários a culinária representada pelo arroz-com-pequi; o artesanato em cerâmica, metal e pedra; as toalhas tecidas nos teares familiares - que são alimentados por fios produzidos a partir do algodão plantado e colhido pelos moradores; as bonecas de pano adornadas com roupas e cabelos coloridos; as peças em argila; e, as imagens sacras - confeccionadas com a palha do milho produzido na própria comunidade, observar imagens da Foto 4.

Acrescente-se a esses elementos, o povoado situar-se em um vale cujas terras são constituídas por solos escuros e densamente drenados, por inúmeras nascentes recobertas por um Cerrado preservado, observar ainda a imagem na Foto 4. A comunidade, além das festividades, é conhecida também por ter sido a primeira Sede do Município de Alexânia⁴.

⁴ O povoamento de Alexânia iniciou-se em abril de 1957, com a compra de um loteamento pelo, depois prefeito, Alex Abdallah. Em 14/11/1958, Olhos d'Água (então sede municipal) foi desmembrada de Corumbá de Goiás e tornou-se município, mas por um curto tempo. Novas mudanças transcorreram pois na divisão territorial de 01/07/1960, Alexânia foi constituída em distrito sede, recebendo, em 21/06/1961, a transferência das funções administrativas do município de Olho d'Água. Pela lei estadual nº 4.919, de 14/11/1963, o município sede passou a denominar-se Alexânia (IBGE, 2016).

Foto 4: Panorâmica com vista de Olhos d'Água e produção artesanal local.



Fonte: Autora (dezembro de 2014).

Nas entrevistas realizadas junto a comunidade, identificou-se a Feira do Troca como a expressão cultural que está na lembrança imediata da população, quando perguntada sobre qual evento melhor representa a história local.

A Feira do Troca, que existe desde 1974, me lembra muito quando nós começamos a preparar uma festa só nossa. No começo, era pequenininha mas foi crescendo e a gente trabalhava vários meses pra organizar os produtos que a gente ia trocar. [...] A Feira é onde o da roça é trocado pelo da cidade. (Dona Nair, moradora de Olhos d'Água; Entrevista realizada em jul. de 2014).

A partir de pesquisa bibliográfica e entrevistas com os moradores, percebeu-se que a Feira é citada como a atividade cultural mais conhecida no município. Possui força mobilizadora de turistas, de Brasília e de outros municípios goianos, que visitam a comunidade durante os três dias de realização das festividades. Esta expressão é um emblemático, elemento identitário do próprio lugar e, em escala municipal e estadual, representa símbolo da cultura alexaniense e goiana.

A Feira é resultado da construção histórica da comunidade que, em interação com o lugar, constitui a paisagem e o seu próprio território. Para Castells (2006) apud Lima (2013, p.55), “a construção de identidades forma-se a partir do que é fornecido pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações religiosas”.

Corroborando nessa ideia, Bonnemaïson (2005) afirma que a sociedade cria-se a si mesma dentro de um espaço cultural. Assim, pode-se depreender que a comunidade estudada tem se recriado ao produzir o seu território, por meio da elaboração de novos elementos culturais, materiais ou simbólicos, que no universo pessoal, e por meio da memória coletiva, (re)significam-se através de expressões culturais como a Feira do Troca.

As representações, materiais e imateriais, desse lugar estão atrelados ao cotidiano dos moradores como parte de suas vidas, de sua história. Sendo assim, a construção da identidade local ultrapassa a noção materializada da Feira, embora esta represente o lócus de materialização de um rico processo de construção cultural em permanente movimento. Mas, como a “própria identidade está em constante processo de construção, a forma de apropriação e de sentidos atribuídos ao evento também são múltiplos e relacionam-se ao espaço e ao tempo” (LIMA 2013, p. 56).

A Feira do Troca: as partes do evento – 1980 a 2000

De acordo com as entrevistas realizada e as informações disponibilizadas no *site* da comunidade, a Feira do Troca é realizada duas vezes ao ano, no primeiro domingo dos meses de junho e dezembro. A Feira, como expressão identitária local, possui alcance regional. Durante a realização da feira no mês de dezembro de 2014 (84ª edição da feira) identificou-se pessoas que vieram das cidades de Brasília (DF) e dos seguintes municípios goianos: Goiânia, Abadiânia, Anápolis, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Santo Antônio do Descoberto, Pirenópolis, Águas Lindas e Valparaíso.

Essa festa é construída por meio da participação da comunidade que, até os dias atuais, realiza a atividade como forma também de manter suas tradições e se auto-afirmar para além da esfera municipal. O espaço da feira é um local de encontro e confraternização dos moradores; entretanto, em atividade de campo realizado durante as 84ª e 86ª edições da feira, observou-se a grande predominância de produtos artesanais voltados á venda em detrimento de uma menor parcela que estava destinado a troca.

A Feira é realizada na praça da cidade. As ruas e calçadas tornam-se estreitas para a circulação de centenas de visitantes. A Feira, propriamente, acontece no domingo,

embora os visitantes comecem a chegar à cidade na sexta-feira, para participar dos festejos. Há aqueles que chegam pela manhã e vão embora ao final do dia, que são em maioria vindos de Brasília e de outros municípios adjacentes à Alexânia. Outros turistas hospedam-se nas poucas pousadas existentes (são apenas três no total) e os demais que vem para dormir, durante os três dias de realização das festividades, procuram um bom local para armar suas barracas, pois não podem ou não querem gastar com hospedagem.

Na sexta-feira à noite, começam as apresentações de Catira com grupos folclóricos de Abadiânia, município vizinho. A dança, realizada ao som de viola, é chamativa, vigorosa e sincrônica em virtude do compasso empreendido pela música. Ao longo das apresentações, a comunidade acompanha, animada, as exibições dos grupos. Dançam, cantam e brincam ao som dos ritmos desenvolvidos.

Na noite do sábado, ocorre a apresentação do Boi d'Água - versão local do Bumba Meu Boi. Faz-se uma roda e ao centro tem-se o Boi d'Água e mais uma dezena de pessoas mascaradas. Os ritmos são cantados e tocados por artistas locais e falam da vida de quem mora no campo. A encenação foi criada especialmente para ser apresentada nos festejos da Feira, pois representa uma expressão material que ajuda a traduzir os signos e símbolos do universo coletivo da comunidade.

Durante o domingo ocorre a Feira. No espaço da praça, são acomodados todos os tipos de mercadorias, desde os produtos artesanais, elaborados pela comunidade, aos importados e até alguns eletrônicos. Embora a diversidade, percebe-se que o artesanato ainda predomina como elemento principal de venda, na maioria das barracas. Nelas, encontramos peças de cerâmica, metal, pano, palha, pedra, sementes, entre outros. Acrescente-se a estes, os produtos advindos da roça (*in natura*) em forma de doces, compotas ou refeições, que dividem espaço também com mercadorias usadas – roupas, sapatos, utensílios domésticos, acessórios e outros -, que as pessoas levam para trocar.

O vai e vem de transeuntes na Feira é muito intenso. Há sempre um grupo de pessoas conversando, outro tocando violão, outro apenas olhando o movimento. A Feira é o cheiro, o som, a diversidade, o movimento e as cores que a materializam. Ela se traduz nessa heterogeneidade que é capturada e compreendida de modo diverso a partir dos referenciais contidos no universo cultural do observador.

Ao olhar do visitante desatento, que não guarda relações de pertencimento com a comunidade, talvez a Feira pareça mais um espaço de consumo transplantado para uma área singular - a bucólica e acolhedora comunidade. Apenas um canal para o escoamento da produção artesanal local. Entretanto, quando se observa nos detalhes percebe-se a importância desse evento para a integração da comunidade, como espaço de convivência, de encontro e prosa. E nesse espaço é oportunizado também o fortalecimento dos laços de pertencimento das pessoas entre si e com seu lugar de vivência.

Foto 5: 83ª e 85ª Feira do Troca (dezembro 2014 e 2015).



Fonte: Autora (dezembro/2014 e 2015).

Considerações Finais

Já se passaram quarenta anos desde a realização da primeira Feira. No transcorrer do tempo novos elementos foram introduzidos na composição da atividade, como reflexo das mudanças incorporadas ao modo de vida local. Uma das mudanças refere-se ao aumento da quantidade de produtos disponíveis para a venda em detrimento daqueles voltados à troca. Os primeiros são principalmente de origem artesanal e, pela singularidade, logo despertam o interesse do visitante que deseja a sua aquisição, mediante pagamento em dinheiro. A reclamação recorrente refere-se à crescente escassez de produtos artesanais voltados à troca. Diante disso, questiona-se: a afirmação da dona Nair, moradora local, que diz ser a Feira o local onde o “da roça é trocado pelo da cidade”, na prática atual, ainda se realiza?

O inegável é que a Feira do Troca, ao longo dos anos, também recebeu as influências geradas pela mercantilização capitalista. E mesmo a população original, que prepara e vivencia o evento e os processos a ele inerentes, vê esse momento como uma oportunidade ímpar de ganhar algum dinheiro.

Por outro lado, é inegável como a cidade e seus moradores acolhem bem o visitante. Destacam-se as expressões culturais materiais que a torna singular: a localização em um vale com vegetação e água em abundância (observar Foto 4); a arquitetura, as cores e a disposição das edificações; os pomares e jardins que estão sempre acrescidos de um detalhe brejeiro. A este ar bucólico vão se aderindo signos e significados imateriais que a cada momento orienta as práticas do fazer individual e coletivo da comunidade, que encontra em seu espaço vivido a inspiração para a realização das diversas expressões culturais praticadas pelos moradores.

Nas atividades de campo desenvolvidas durante a 84ª e 86ª edições da Feira (em 2014 e 2015, respectivamente) foi observado que é crescente a disponibilidade de produtos voltados à venda em detrimento da quantidade daqueles destinados a troca. Diante desta realidade fica uma pergunta, que buscaremos responder nos próximos passos da pesquisa: está se perdendo o sentimento de que o espaço da Feira também é estratégico para fortalecimento da identidade local da comunidade?

Referências

ABDALLAH, A. *Alexânia: a cidade dos meus sonhos*. Alexânia, Gráfica e Arte, 2015, 385p.

ARAÚJO SOBRINHO, F. L. *Turismo e dinâmica territorial no eixo Brasília-Goiânia*. 2008. 447 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

BONNEMAISON, J. *Culture and Space: conceiving a new Culture Geography*. I. B. Tauris. London, New York, 2005.

CASTILHO, Denis. *Modernização territorial e redes técnicas em Goiás*. 2009. 221p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

COSTA, A. S., Entrevista concedida a Edilene Américo Silva. Alexânia, 04 de jun. 2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. *Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais*. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=520030>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

Instituto Mauro Borges, IMB. *PIB Trimestral do Estado de Goiás: 4º trimestre – 2014*. Disponível em: <<http://www.imb.go.gov.br/pub/pib/pibgotrimestral/pibgo4tri2014.pdf>> Acessado em: 02 abr. 2015.

LIMA, L.N.M. O turismo, a reinvenção e a espetacularização na Procissão do Fogaréu da Cidade de Goiás (GO). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v.6, n.1, jan/abr-2013, pp.53-64.

Disponível em: <<http://www.sbecotur.org.br/rbecotur/seer/index.php/ecoturismo/article/view/390>>. Acesso em: 02 jan. 2016.

GONÇALVES, N., (Secretária de Indústria e Comércio da Prefeitura de Alexânia) Entrevista concedida a Edilene Américo Silva. Alexânia, 15 de nov. 2015.

PREFEITURA DE ALEXÂNIA. Disponível em: <<http://www.alexania.go.gov.br>>. Acesso em 13 jan. 2016.

SILVA, E. A.; ARAUJO SOBRINHO, F. L. A Escala Local como Objeto de Análise Geográfica: a influência do Eixo Brasília-Goiânia na dinâmica territorial de Alexânia – Goiás – Brasil. In: // *Congresso Internacional SETED-ANTE: Seminario Estado, Territorio e Desenvolvimento. O Governo dos Territorios*. Universidad de Santiago de Compostela (USC): Santiago de Compostela, Espanha, 2014.

SITE: <<http://olhodogoiias.blogspot.com.br/2009/02/primeira-casa.html>>. (Acesso em 15 set. 2014).

